

levar vida plena aos outros



Associação Irmãs Franciscanas da Mãe Dolorosa
Ordem Terceira de São Francisco

Julho de 2015 #8

A dimensão fraterna na Igreja Comunhão



Queridas/os,

O tema de reflexão do número 8 do nosso Boletim é: **A dimensão fraterna na Igreja Comunhão**. Uma questão desafiadora do ponto de vista teológico, mas também na prática da vida cotidiana. No entanto, esta dimensão é a profecia por excelência e de testemunho na Igreja e no mundo de hoje.

O ângulo escolhido para apresentar este tema é o desafio dado a nós, pessoas consagradas a **viver o presente com paixão**. E por isso eu gostaria de oferecer a todos os leitores a alegria de saborear as palavras que o Papa Francisco nos dá na Carta Apostólica para o Ano da Vida Consagrada. Ele escreve:

“Os religiosos e as religiosas, como todas as outras pessoas consagradas são chamados a ser “especialistas em comunhão”. Espero, portanto, que a “espiritualidade de comunhão”, indicada por São João Paulo II, se torne uma realidade e que vocês estejam à vanguarda em aproveitar o grande desafio que nos é apresentado neste novo milênio: fazer da Igreja a casa ea escola da comunhão. Estou certo de que este ano vocês trabalharão a sério, porque o ideal de fraternidade perseguido pelos fundadores e fundadoras possa crescer em muitos níveis diferentes, como em círculos concêntricos”.

Ele continua a dizer que a comunhão é praticada principalmente a partir de nossas comunidades. Papa Francisco nos convida a fazer referência a todas as intervenções feitas nos encontros com os religiosos nos quais, nos corrigiu evangelicamente, chamando-nos a redescobrir a *“mística da vida em comum, que da nossa vida uma peregrinação sagrada”*.

Ele faz perguntas, começando com o fato de que nossas comunidades estão se tornando cada vez mais internacionais e nos provoca a repensar a relação entre pessoas de diferentes culturas, a nossa forma de permitir que todos possam expressar-se, para acolher os dons tão específicos quanto a tornar-nos totalmente corresponsáveis. Papa Francisco espera de nós que saíamos com mais coragem dos limites de nossos institutos e convida-nos a desenvolver projetos de formação, de evangelização e de intervenções sociais para fornecer um testemunho profético real. Ele diz que, para ser preservados da doença da autoreferencialidade precisamos prosseguir uma verdadeira sinergia entre todas as vocações na Igreja, porque ninguém pode construir o futuro isolando-se ou apenas por seus próprios esforços.

Os testemunhos relatados, nesta edição expressam os desafios e alegrias do chamado para ser especialistas de comunhão na Igreja e no mundo de hoje. Deixemo-nos desafiar por essas perguntas para nos ajudar a despertar a paixão por Cristo, pela humanidade e pelas comunidades em que somos chamadas a expressar vínculos de comunhão entre nós.

Irmã M. Teresina Marra, SSM
Superiora Geral

Testemunho profético da vida consagrada

Publicado pela:
Generalado SSM
Via Paolo III, 7-9
00165 Roma, Italia
www.ssmgen.org

COMUNHÃO E COMUNIDADE

Todo relacionamento de comunhão é o resultado de humano e do dom de Deus.

A CASTIDADE

Castidade significa transparência, honestidade amorosa, empenhar-se em relações vividas de forma a não monopolizar o outro.

TESTEMUNHOS

O convite do Papa Francisco para “viver o presente com paixão” nos convida a refletir sobre o que fazemos e porque o fazemos.

COMUNHÃO E COMUNIDADE

Comunhão: dom de Deus e compromisso humano



Viver juntos na comunidade é uma das características da vida religiosa. Na verdade, nem todas as formas de vida consagrada proporcionam vida comum. Às vezes as pessoas que vivem nas mesmas comunidades encontram um acordo com base em interesses partilhados, em traços semelhantes (ou complementares) carácter e personalidade. Muitas vezes, os membros de uma comunidade religiosa são muito diferentes uns dos outros, por causa de sua personalidade, história, proveniência cultural, educação e experiência.

O mesmo mosaico colorido, podemos encontrar no grupo dos apóstolos, eles são tão diferentes uns dos outros, e ainda assim, Jesus convoca-os todos ao seu redor *“E ele designou doze para estarem com ele e para enviá-los”* (Mc. 3: 14- 15). Este é também o profundo mistério da comunidade religiosa, podemos ter alguns ou muitos aspectos que nos unem, mas, a unidade e a comunhão fundamental são dadas pelo Senhor Jesus. Partilhamos o batismo, a vocação religiosa, um único carisma e uma missão comum.

Viver juntos, tanto na comunidade religiosa como na família, requer o desenvolvimento de capacidades humanas, como uma identidade estável que pode integrar as sombras e luzes, pontos fortes e limitações, de si mesmos e dos outros. Também requer a capacidade de dar, mas também necessariamente de receber, carinho, respeito, compaixão, ajuda, proximidade e apoio. Aqueles que não podem receber tornam-se autossuficientes e orgulhosos (o narcisista que não precisa de nada... Mas se pensarmos que não precisamos do outro, mais cedo ou mais tarde nós pensaremos que não precisamos mesmo de Deus!). Aqueles que não são capazes de dar são susceptíveis a tornarem-se o centro do mundo, e incapazes de saírem de si mesmos (e retirarem-se para um mundo de egoísmo). Outra qualidade importante a ser desenvolvida é a capacidade de aceitar e gerir os conflitos inevitáveis em uma maneira saudável, que experimentamos quando vivemos juntos ou trabalhamos juntos em um grupo.



Estas características são muito importantes para uma partilha de vida saudável e para uma colaboração eficaz. Mas, para construir relações de comunhão e fraternidade, na comunidade religiosa, na família e em qualquer outra forma de grupo e de partilha, o esforço humano deve ser transformado pelo dom de Deus. A comunhão é o resultado “do amor de Deus que tem sido derramado em nossos corações” (Rm 5,5), é o fruto do perdão de Deus que permite a reconciliação conosco mesmos e entre nós, nas relações com os outros.



“Que sempre se amem e se respeitem uns aos outros” (Legenda Perusina 1564 FF): esta é uma das exortações que São Francisco de Assis deixa como herança aos seus irmãos. Francisco amadurece em sua vida a certeza de que este aspecto constitui o núcleo central da vocação e da missão. Esta nasce a partir da profunda experiência de Deus, feita por Francisco durante seu processo de conversão e renovada ao longo de sua vida até sua morte. É a experiência de Deus como Pai e Mãe. Esta experiência está a base da missão evangelizadora: somos chamados à comunhão, à fraternidade universal, com os homens e com todas as criaturas; tudo o que existe foi confiado a nós, porém, de nada nos devemos apropriar, mas, tudo deve ser restituído ao único Senhor e Pai de todos.

Ir. Samuela Maria Rigon, SSM

Que sempre se amem e respeitem uns aos outros

São Francisco



A CASTIDADE

O estilo de vida à luz da castidade

O estilo de vida que nós assumimos é uma forma de responder a perguntas que tocam nossas vidas. Em referência ao conselho evangélico da castidade, uma proposta de vida que vem do Evangelho, as perguntas podem ser: Como posso orientar a minha sexualidade e corporeidade? Como posso orientar o meu futuro, os meus relacionamentos?

A sexualidade é um aspecto fundamental da vida; diz respeito à identidade como macho e fêmea, não só no genital, no sentido estrito, mas também nas outras dimensões da vida e aspectos interpessoais e de comunicação. A sexualidade de uma pessoa, não diz respeito somente a dimensão biológica, mas também psicológica, espiritual e social. Encontro, comunicação, amor são sempre os valores fundamentais da sexualidade e só podem ser alcançados através de um processo contínuo em nossa vida.

Hoje em dia as pessoas raramente usam a palavra “casto (a)”. No entanto, o conceito envolve comportamentos que não podem ser abandonados ou negligenciados. Castidade significa transparência, honestidade amorosa, empenhar-se em relações vividas de uma forma que não monopoliza. Essas atitudes, é claro, não são exclusivas para aqueles que não são casados ou celibatários.

No Cântico das Criaturas, São Francisco de Assis fala da água como uma irmã humilde, preciosa e casta. “A tradição proferiu a seguinte frase de Santo Egídio, um amigo de confiança de São Francisco de Assis:”. “A chamo castidade: mantenha todos os seus sentidos pela graça de Deus”



Madre Francisca considera a votos uma arma contra a volubilidade interior e uma ajuda para a estabilidade do bem (ver. 25ª Carta a Madre Francisca a P. Jordan). “A castidade te fará seguir o Cordeiro de Deus, onde quer que vá” (Cartas de Madre Francisca P. Jordan, 22,4). É claro que os votos têm sempre um caráter de resposta e, portanto, são uma estrada verso uma meta.

É a abertura fundamental para a obra de Deus que torna as pessoas livres para escolher voluntariamente o caminho do

celibato. Isso não significa que esta é a melhor maneira de vida para todos, mas é a forma que está bem para mim, para o cumprimento da minha humanidade. É um estilo específico de vida, de liberdade, de amor a ser vivido. Em seguida, o modo concreto de viver é acompanhado de alegria e gratidão, mas, é também um desafio constante para não diminuir o zelo pela presença de Deus em nós e através de nós. O celibato não é como primeira coisa a renúncia, mas o (meu) modo de relacionar-me com as pessoas, com o mundo, com Deus e comigo mesma. O celibato é o voto de compromisso no amor. No perceber e aceitar a própria indigência escolhi servir e satisfazer as necessidades do próximo. A atitude da virgindade exclui encontros holísticos. Com palavras e obras, e relativizando todas as relações que não são Deus, eu me coloco a serviço dos outros. Na vida quotidiana, gradualmente aprendo que “Só Deus basta” (Teresa de Ávila) porque Deus é a origem do homem, a maneira mais profunda e plena para encontrar os seres humanos e viver com eles.



A virgindade está profundamente ligada aos outros. A comunidade se torna um lugar para receber e dar proximidade, afeto, confiança e segurança. Torna-se um lugar para se desenvolver aprender a dedicação à vida e aos outros. Qualquer exclusividade do amor é quebrada em vista do Reino de Deus.

Ao mesmo tempo, é também uma forma para moldar a realidade do amor. Casamento e celibato são conectados. Muitas vezes podem ser uma ajuda mútua. Ambos, em sua própria maneira, são sinais do amor recíproco. São formas específicas de viver os relacionamentos que devem oferecer um desafio ao tempo presente. Precisamos manter viva a pergunta sobre a origem e o destino do homem e, assim, dar sentido e profundidade à nossa vida.

Ir. Gudrun Maria Schellner, SSM

As nossas relações com os outros são um apoio vital para a vida celibatária

Nosso Modo de Vida 14





TESTEMUNHOS

Viver o presente com paixão

Neste artigo vamos concentrar-nos sobre a forma de “viver o presente com paixão”, que é um dos objetivos que Papa Francisco nos deu no ano dedicado à vida consagrada.

Esta frase “viver o presente com paixão” nos faz pensar sobre o que estamos fazendo e por que estamos fazendo isso, nos faz viver cada momento intensamente, viver o presente, não apenas com propostas ou moções, levando adiante sem esforço ou correndo com o piloto automático. Os faz concentrar, ter plena consciên-



cia do que fazemos e isso pode nos ajudar a ser mais conscientes dos nossos pensamentos e nossas ações e como eles nos afetam e afetam os outros. Este estilo de vida consciente pode nos ajudar a aprender e saber quando a apoiar e quando não apoiar, quando se envolver e quando não interferir. Ele também pode nos ajudar, a saber, o que realmente importa e não deixar-nos envolver pelas preocupações do mundo, a não permanecer na superfície, não buscar resultados imediatos, não evitar as lutas dolorosas. Faz-nos estar acordados, conscientes do que acontece dentro de nós no momento em que acontece, nos ajuda a fazer escolhas mais conscientes e não agir impulsivamente.

Viver com paixão é também viver de acordo com nossos valores mais profundos, que nos dão um sentido, aqueles que nos deixam olhar para o passado sem arrependimentos, porque colhemos o momento presente eo entusiasmo para o futuro. No faz tomar tempo para criar a calma interior e nos faz capaz de ouvir a voz do Senhor.

O coração humano foi feito para a paixão, pelo forte desejo de chegar a algo além de nós mesmos. Viver com paixão requer frequente autorreflexão, olhar para dentro. Diz respeito à vida contemplativa - uma vida de reflexão, onde a cada dia que saímos das atividades, a fim de refletir sobre como estas podem apoiar melhorar o nosso chamado a amar melhor a Deus e ao próximo. Em outras palavras o que estamos fazendo para os outros? Estamos promovendo o amor a Deus e ao próximo?

Ir. Catherine Marie Hanegan, SSM

Descrivam o que ela significa para vocês “viver a vida religiosa no presente com paixão”

De Goiânia, Brasil

Desde março de 2014, sou pároco da paróquia Nossa Senhora das Dores, na Vila Pedroso, em Goiânia. Esta paróquia é uma dos cento e vinte paróquias da Arquidiocese de Goiânia, a capital tem atualmente cerca de dois milhões de habitantes. Além da igreja principal, há seis capelas para um total de sessenta mil habitantes no território. Na arquidiocese não existem muitos sacerdotes, por isso na paróquia não temos outros sacerdotes párocos ou diáconos que podem me ajudar no ministério, só recebo a ajuda de alguns leigos e das Irmãs da Mãe Dolorosa.

A presença das Irmãs da Mãe Dolorosa na paróquia é um grande dom de Deus. Além do excelente trabalho que elas oferecem à sociedade, com centenas de crianças e adolescentes, as irmãs, todo final de semana colaboram com a missão da paróquia, no grupo de coroinhas, na catequese, na promoção vocacional, na formação de ministros extraordinários para a Sagrada Comunhão, em eventos paroquiais e outras áreas de formação.

Normalmente eu celebro a missa de segunda a sexta-feira às 06h00min no convento das Irmãs da Mãe Dolorosa; Eu colaboro com as aulas semanais para as noviças e com o serviço de direção espiritual.

Posso dizer que eu vivo em plena comunhão eclesial com as pessoas e com as irmãs. A Colaboração, a partilha e oração diária me ajudam muito no meu ministério, para que eu possa viver de forma mais leve e suave.

Pe. Rafael Oliveira da Silva



De Trinidad - Caribe

Durante o genocídio em Ruanda eu rezava constantemente. “Senhor, fazei-me viver para o bem dos meus irmãos menores se eles têm que viver, também...”. (Isso não significa que todos os que morreram não rezavam ou não confiavam em Deus). A minha vida foi poupada pela vontade e pela sabedoria que só Ele possui. Ao longo dos anos eu percebi que a minha vida não era só para os meus irmãos. Acredito que o meu chamado principal é antes de tudo pertencer ao Senhor na vocação à vida religiosa; todo o resto é apenas o resultado dessa relação, incluindo a minha vida no ministério.

Visitei recentemente a Basílica de São Francisco, com a intenção de me confessar. Em seus esforços para falar Inglês, o confessor me disse várias vezes; “Irmã, o que o mundo precisa hoje é realmente e concretamente uma vida de testemunho”. Para mim, viver o presente com paixão é isso. Minha paixão vem da experiência de ser capaz de amar e aceitar ser amada, com a promessa que fiz quando pronunciei os votos. O que me fará escutar e estar em sintonia com a sua voz será o alimentar a cada dia essa relação com o Senhor, por isso, quando Ele me falar no silêncio do meu coração eu vou ser capaz de ouvir e fazer o que me pede com paixão. Acredito que foi este o segredo do São Francisco e Santa Clara e todos os outros santos. Eles ouviram o que o Senhor lhes pediu e basearam suas ações nesta escuta.

Irmã Katherine Marie Mujawamariya, SSM



De Assisi – Itália

“Ninguém tem maior amor do que este: dar a sua vida pelos seus amigos” (Jo 15,13): Para mim esta citação do Evangelho de João é um programa de vida que eu tento entender e viver a cada dia, embora eu esteja ciente de que este mistério de amor tem a ver com a vida cotidiana e minha fraqueza. No entanto todos os dias eu experimento o amor de Deus Pai, que continuamente nos dá o seu Filho Jesus que escolhi seguir por toda a vida. Todo dia eu tenho a graça de compartilhar a beleza ea realidade de uma vida comprometida com o Reino de



Deus que leva à santidade. Isso nos permite de aproximar-nos do irmão e da irmã não com olhos de suspeita ou julgamento, mas com olhos de misericórdia, os mesmos com os quais eu sempre fui olhada. E sob esse olhar eu faço experiência que Deus reconcilia consigo todas as coisas e as torna belas. Quando encontro as pessoas, especialmente os jovens em busca de sua vocação ou que iniciam um caminho na vida religiosa e as famílias, procuro transmitir a paixão que invade meu coração para que eles também possam experimentar a alegria do dom total de si a Deus e aos irmãos e irmãs.

Ir. Tatiana Maria Murador, SSM

Senhor, eu não peço mais nada do que Ti mesmo, nada mais além do que a Ti, desejo possuir inteiramente

Madre Francisca Streitel

